

# via lateral

revista de ensaio, arte e cultura n. 3 outubro-novembro 2017 R\$ 2,00

Sandro Botticelli. O nascimento de Vênus (1485-86)

poesia

## respeite

malena, a poeta sem pena

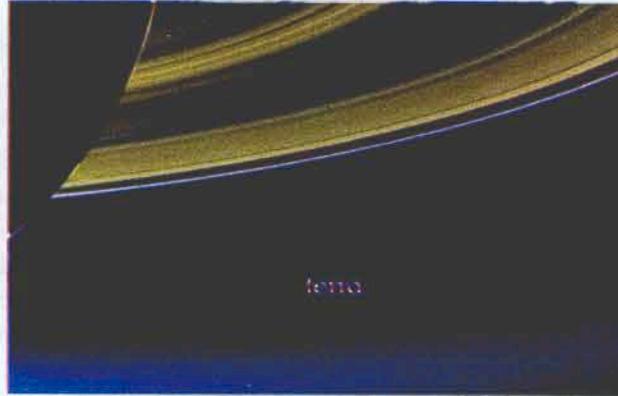
respeite a rosa	respeite o feio
respeite o espinho	respeite o bonito
respeite o novo	respeite o bobo
respeite o velho	respeite o esperto
respeite a menina	respeite o avô
respeite o menino	respeite o neto
respeite o rico	respeite o sinal
respeite o pobre	respeite a faixa
respeite o fraco	respeite o cão
respeite o forte	respeite o gato
respeite o negro	respeite a juiz
respeite o branco	respeite o réu
respeite o são	respeite o igual
respeite o enfermo	respeite o diferente
respeite a mulher	respeite o mendigo
respeite o homem	respeite a autoridade
respeite o motorista	respeite o crente
respeite o pedestre	respeite o ateu
respeite o amigo	respeite a arte
respeite o inimigo	respeite o artista
respeite a monja	respeite o certo
respeite o monge	respeite o errado
respeite a mãe	respeite o índio
respeite o pai	respeite o mato
respeite o gordo	respeite o bem
respeite o magro	respeite o mal
respeite o calvo	respeite o polícia
respeite o cabeludo	respeite o bandido
respeite o azul	respeite o um
respeite o amarelo	respeite a multidão
respeite o professor	mas respeite
respeite o aluno	respeite
respeite o mar	respeite
respeite a serra	...
respeite o polícia	...
respeite o bandido	...
respeite o valente	...
respeite o covarde	...
respeite o dia	
respeite a noite	respeite!

educação e cultura

# no pálido ponto azul

nivaldo moretto

Quando a sonda espacial *Voyager 1* ultrapassou os anéis de Saturno, viajando em direção a Urano, mirou sua lente para o interior do Sistema Solar e fez, em fevereiro de 1990, a fotografia que ilustra essa coluna. Nela, o planeta Terra aparece apenas como um minúsculo ponto. Impressionado com a imagem, **Carl Sagan**, astrônomo e criador da série *Cosmos*, para a TV, escreveu uma reflexão em que alertava pela fragilidade das condições em que a vida acontece. Visto de longe nosso planeta não passa de um mísero grão de areia no espaço. Seu alerta focava essencialmente o egoísmo e a ganância pelo enriquecimento imediato, pela acumulação de bens e pelo descaso com a natureza.



Terra

Os últimos cinquenta anos têm exacerbado dois aspectos contraditórios dos humanos: ao mesmo tempo que o alto desenvolvimento das ciências e da tecnologia amplia nossa compreensão do universo, da natureza, de nosso corpo e de nosso cérebro, temos intensificado nossa capacidade destruidora. Em busca do lucro rápido e do ilusório bem estar, derrubamos florestas como se fossem empecilhos para o futuro, poluímos os mananciais de água e os oceanos como se não dependêssemos desses bens naturais.

O egoísmo nos impede ver que a vida continuará e que novas gerações de humanos virão. E a ganância nos impede a apropriação do conhecimento e a superação da ignorância. Apesar da extraordinária capacidade explicativa alcançada pela Ciência no século XX, parece que não conseguimos superar nosso obscuro pensamento medieval. Hoje temos suficiente condição de projetar um mundo diferente, em que a igualdade seja o princípio societário e a relação com a natureza inteligente.

É no "pálido ponto azul", como Carl Sagan denominou, que a água corre cristalina pelos riachos, onde os frágeis beija-flores e cavalos marinhos criam suas estratégias de sobrevivência. Onde a semente, mesmo sem as melhores condições, tende à vida. Onde a atmosfera tingida de cores o ténue anoitecer. É ali que os corais proporcionam a formação de fabulosos aquários naturais e o programa genético vem se desenvolvendo, por centenas de milhões de anos, na incrível diversidade de formas em que a vida se manifesta.

Entretanto, é neste planetinha perdido na imensidão do espaço que uma das espécies de vida se tornou transformadora da própria natureza e criadora de sociedades. A história vem mostrando que essa espécie, os humanos, são tão capazes de criar sociedades igualitárias e em harmonia com a natureza quanto sociedades baseadas na desigualdade e destruidoras do meio ambiente.

humor do mundo

el roto - espanha



## expediente

✉ [revistavialateral@gmail.com](mailto:revistavialateral@gmail.com)

☎ 99130-1355

☎ 99610-5523



via lateral / n° 3 / Florianópolis  
outubro e novembro 2017

colaboram neste número: manuel firmo, wanderlei s. gomes jr.; nivaldo moretto. / edição e arte: wanderlei s. gomes jr. / o envio de qualquer matéria à Via Lateral implica a autorização de sua publicação de forma gratuita, pois a revista não remunera seus colaboradores. / as matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista. / as fotografias e imagens não acreditadas foram encontradas através do *google images* e não continham informação sobre os seus autores. / as matérias não assinadas são de autoria da redação.

# personnalité

Language Consulting

A melhor escola de idiomas  
é aquela que se adapta a você!



Inglês



Francês



Espanhol



Alemão



Italiano

**Personnalité: nos adaptamos a você.**

(48) 3222.3100 | [www.personnaliteidiomas.com.br](http://www.personnaliteidiomas.com.br)

Avenida Hercílio Luz, 826 | Loja B | Centro | Florianópolis | SC

[contato@personnaliteidiomas.com.br](mailto:contato@personnaliteidiomas.com.br)

Nossos programas de ensino são totalmente personalizados, de acordo com as suas necessidades e os seus objetivos. Veja:

**Horários flexíveis:** **você** mesmo pode marcar suas aulas; NO SITE DA ESCOLA, POR TELEFONE OU PESSOALMENTE PODENDO SER AGENDADAS DAS 7:30 ÀS 21:30 NOS DIAS ÚTEIS E DAS 9:30 ÀS 13:30 AOS SÁBADOS

**Método:** voltado para o que **você** precisa; PARA COMUNICAÇÃO, VIDA ACADÊMICA, VIAGENS, EMPREGO, CERTIFICAÇÕES INTERNACIONAIS, ETC.

**Metodologia:** prática, agradável e adaptada a **você**; COMBINANDO AULAS INDIVIDUAIS COM LABORATÓRIO, ÁUDIOS, VÍDEOS, TEXTOS, MÚSICAS OU VIVÊNCIA SITUACIONAL

**Número de aulas:** **você** escolhe o número de aulas semanais; PODE FAZER DESDE 1 ATÉ 20 AULAS POR SEMANA

**Atendimento:** **você** determina a modalidade; REGULAR, EXECUTIVO, INDIVIDUAL, FAMILIAR, INTENSIVO OU "IN COMPANY" NA SUA EMPRESA, CONSULTÓRIO OU ESCRITÓRIO

**Cronograma:** **você** define a duração do programa de ensino; DE ACORDO COM O SUA PROGRAMAÇÃO E SUA AGENDA ANUAL

**Aproveitamento:** **você** tem acompanhamento individual; SEGUNDO SUA FICHA DE APROVEITAMENTO INDIVIDUAL VOCÊ OBTÉM 100% DE FREQUÊNCIA E DE 100% DE APROVEITAMENTO

**Início:** a qualquer momento que **você** desejar. NÃO É PRECISO AGUARDAR FORMAÇÃO DE TURMAS

letras clássicas

# o conto do vigário

fernando pessoa

Vivia há já não poucos anos, algures, num concelho do Ribatejo, um pequeno lavrador e negociante de gado chamado Manuel Peres Vigário. Da sua qualidade, como diriam os psicólogos práticos, falará o bastante a circunstância que dá princípio a esta narrativa.

Chegou uma vez ao pé dele certo fabricante ilegal de notas falsas, e disse-lhe:

—Sr. Vigário, tenho aqui umas notazinhas de cem mil réis que me falta passar. O senhor quer? Largo-lhas por vinte mil réis cada uma.

—Deixa ver —disse o Vigário; e, depois, reparando logo que eram imperfeitíssimas, rejeitou-as.

—Para que quero eu isso? —disse— Isso nem a cegos se passa.

O outro, porém, insistiu; Vigário cedeu um pouco, regateando; por fim fez-se negócio de vinte notas, a dez mil réis cada uma.

Sucedeu que dali a [alguns] dias tinha o Vigário que pagar a uns irmãos, negociantes de gado como ele, a diferença de uma conta, no valor certo de um conto de réis. No primeiro dia da feira, na qual se deveria efetuar o pagamento, estavam os dois irmãos jantando numa taberna escura da localidade, quando surgiu pela porta, cambaleando de bêbado, o Manuel Peres Vigário.

Sentou-se a mesa deles, e pediu vinho. Daí a um tempo, depois de vária conversa, pouco inteligível da sua parte, lembrou que tinha que pagar-lhes. E, puxando da carteira, perguntou se se importavam de receber tudo em notas de cinquenta mil réis. Eles disseram que não, e, como a carteira nesse momento se entreabrisse, o mais vigilante dos dois chamou, com um olhar rápido, a atenção do irmão para as notas, que se via que eram de cem.

Houve então a troca de outro olhar. O Manuel Peres, com lentidão, contou tremulamente vinte notas, que entregou. Um dos irmãos guardou-as logo, tendo-as visto contar, nem se perdeu em olhar mais para elas.

O Vigário continuou a conversa e, várias vezes, pediu e bebeu mais vinho. Depois, por natural efeito da bebedeira progressiva, disse que queria ter um recibo. Não era uso, mas nenhum dos irmãos fez questão. Ditava ele o recibo, disse,

pois queria as cousas todas certas. E ditou o recibo —um recibo de bêbado, redundante e absurdo: de como em tal dia, a tais horas, na taberna de fulano, e "estando nós a jantar" (e por ali afora, com toda a prolixidade frouxa de bêbado...), tinham eles recebido de Manuel Peres Vigário, do lugar de qualquer coisa, em pagamento de não sei quê, a quantia de um conto de réis em notas de cinquenta mil réis. O recibo foi datado, foi selado, foi assinado. O Vigário meteu-o na carteira, demorou-se mais um pouco, bebeu ainda mais vinho, e daí a um tempo foi-se embora.

Quando, no próprio dia ou no outro, houve ocasião de se trocar a primeira nota, o que ia a recebê-la devolveu-a logo, por escancaradamente falsa, e o mesmo fez à segunda e à terceira... E os irmãos, olhando então verdadeiramente para as notas, viram que nem a cegos se poderiam passar.

Queixaram-se à polícia, e foi chamado o Manuel Peres, que, ouvindo atônito o caso, ergueu as mãos ao céu em graças da bebedeira providencial que o havia colhido no dia do pagamento. Sem isso, disse, talvez, embora inocente, estivesse perdido.

Se não fosse ela, explicou, não pediria recibo, nem com certeza o pediria como aquele que tinha; e apresentou-o, assinado pelos dois irmãos, e que provava bem que tinha feito o pagamento em notas de cinquenta mil réis.

—E se eu tivesse pago em notas de cem —rematou o Vigário—, nem eu estava tão bêbado que pagasse vinte, como estes senhores dizem que têm, nem muito menos eles, que são homens honrados, m'as receberiam.

E, como era de justiça, foi mandado em paz.

O caso, porém, não pôde ficar secreto; pouco a pouco se espalhou. E a história do "conto de réis do Manuel Vigário" passou, abreviada, para a imortalidade quotidiana, esquecida já da sua origem.

Os imperfeitíssimos imitadores, pessoais como políticos, do mestre ribatejano nunca chegaram, que eu saiba, a qualquer simulacro digno do estratagema exemplar. Por isso, é com ternura que relembro o feito deste grande português, e me figuro, em devaneio, que, se há um céu para os hábeis, como constou que o havia para os bons, ali não lhe deve ter faltado acolhimento. ☞



**efaz**  
Escola da Fazenda  
Educando para transformar o mundo

Rua Jaborandi, 324 - Campeche  
www.efaz.com.br 3237-4602

nosso assinantes patrocinadores da Rodovia SC-405 (Campeche):

**Cão**  
Carinho e Afeto  
BANHO E TOSA  
98459 0429  
3338 0353

**TOPMADE**  
madeiras tratadas autoclave  
3335-0085

**NR TINTAS**  
(48) 3364 9996

**Mercado Progresso**  
A saúde em primeiro lugar

# a sibila de cumas

manuel firmo

É difícil avaliar a magnitude da herança que a antiga Grécia nos legou. Nas artes, na ciência, na filosofia, na política e em outros campos da cultura e do conhecimento, os gregos estabeleceram os alicerces sobre os quais se levantaria depois a sociedade moderna. No entanto, por trás do seu desenvolvido racionalismo, pulsava o coração do povo que criara uma das mais ricas e imaginativas mitologias de que se tem notícia e que nos fascina até hoje.

Os gregos possuíam uma forte religiosidade, e formavam uma comunidade (ou talvez fosse mais correto dizer várias comunidades) de homens e mulheres que honravam os seus numerosos deuses, que tinham seus templos, com suas sacerdotisas, seus sacerdotes e seus oráculos. Em vários lugares do extenso território da **Hélade** (como eles mesmos chamavam e ainda chamam a Grécia) havia centros religiosos muito respeitados aonde as pessoas, sobretudo as poderosas, iam em busca de aconselhamento: eram os **Oráculos**.

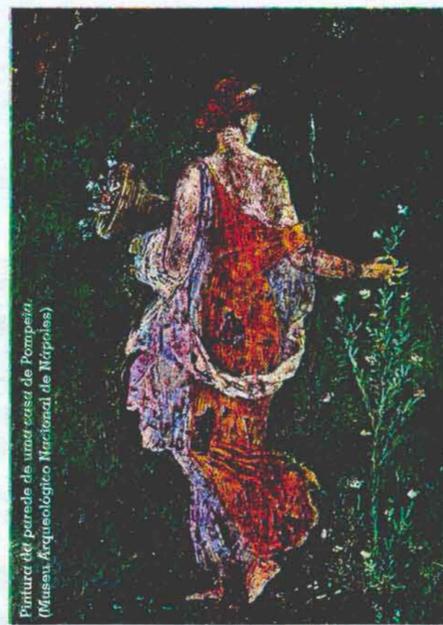
O mais famoso desses Oráculos era o de **Delfos** onde a sacerdotisa (chamada **Pitia**), alucinada pelo hálito de **Ápolo**, fazia profecias que nunca falhavam. Sua fama não conhecia fronteiras. Mas havia, também, outros oráculos famosos, como o de **Cumas**, no sul da Itália, perto de Nápoles, região que na época fazia parte do que os historiadores chamam **Magna Grécia**. Atrativo e multitudinário ponto turístico nos dias de hoje, Cumas era já um grande centro de veraneio na época em que os romanos estavam conquistando a Itália. O templo dedicado ao deus **Ápolo** era um famoso lugar de peregrinação. Entre as úmidas paredes de uma cova, a chamada **Sibila** (nome que se dava à sacerdotisa) também fazia profecias infalíveis. Nos versos em que os sacerdotes do templo «traduziam» os incompreensíveis delírios da Sibila se podia ler o futuro do mundo. Em sua época de glória, os mais poderosos governantes da Antiguidade faziam fila em frente ao oráculo de Cumas, com a esperança de saber de antemão o resultado de suas políticas e de suas guerras. Mas, ironicamente, apesar de sua inquestionável capacidade profética, a Sibila não foi capaz de prever o trágico destino que os deuses lhe haviam reservado.

Segundo se dizia, a Sibila, quando jovem, dotada de uma beleza incomum, capaz de eclipsar a de mesmíssima **Afrodite**, costumava passear descalça e vestida com ligeiras túnicas de linho pelos campos floridos de Éritras, sua cidade natal, entoando singelas canções que faziam as delícias do ouvido de **Ápolo**, a quem também agradava passear por aqueles bucólicos pagos. A voz melosa e melodiosa da Sibila, sua pela alva de ninfa imaculada, derretiam o coração inconstante do mais belo dos deuses. Assim, incapaz de controlar seu desejo, certo dia **Ápolo** decidiu abordá-la e confessar-lhe abertamente a sua

paixão. E, como não tinha por hábito dar voltas ao que o inquietava, explicou-lhe clara e objetivamente o que esperava obter da bela donzela e o que estava disposto a oferecer-lhe em troca: se ela lhe concedesse sua virgindade, teria para sempre uma vida tranquila e feliz. Mas a Sibila, indignada, escandalizada, ofendida pela indecorosa proposta, retirou-se correndo.

**Ápolo**, porém, não era homem (ou melhor, deus) de jogar a toalha ao primeiro contratempo. Acossou-a sem descanso, prometendo-lhe tudo o que ela pudesse desejar e ainda um pouco mais. O dom da profecia, por exemplo. O que pode ser mais valioso que a capacidade de conhecer o futuro? Tudo saber e tudo prever! O que mais poderia ela querer? Mas a Sibila não se entregava.

Um dia, **Ápolo** teve a grande sacada: ofereceu-lhe a imortalidade. A imortalidade? repetiu ela, fingindo indiferença. Sim, sim, insistiu o deus, a imortalidade, a imortalidade e o dom da profecia, as duas coisas, ser como os deuses, tudo antever e viver eternamente, para todo o sempre, sempre, sempre!... Nesse momento, os olhos da bela jovem brilharam. A imortalidade era realmente atraente! Não era coisa que andasse sobrando por aí, como areia no deserto... Mas, ainda assim, a irredutível Sibila manteve-se firme em sua resolução.



Pinácula da parede de uma casa de Pompeia (Museu Arqueológico Nacional de Nápoles)



Elihu Vedder (1836-1923). Sibilla cumaea (1898)

Só que **Ápolo** tampouco desistia. E, justiça seja feita, era ele um deus bem agraciado, de olhar sedutor e corpo de atleta. Além disso, atirava flechas com perfeição e tocava a cítara como ninguém. E era um deus, afinal de contas! De modo que, pouco a pouco, a Sibila foi cedendo. Mas, não, disse-lhe um dia, não queria a imortalidade, durava demais, bastaria apenas viver muitos anos, tantos anos quantos grãos de areia coubessem em suas mãos, e depois morrer. **Ápolo** nem perdeu tempo em perguntar-lhe por que preferia só um pouco quando podia ter tudo. E a Sibila, sem exigir nenhuma prova (para que pedir garantias a um deus?), confiando na palavra divina, entregou-se por fim ao ansioso amante.

os

Como era do seu feitio, uma vez saciado, **Ápolo** retirou-se sem demora. A Sibila, languidamente estendida no leito, não pode notar o sorrisinho irônico, sarcástico talvez, que se desenhava no rosto do deus ao regressar ao Olimpo. E só muito anos mais tarde, quando começou a envelhecer, é que percebeu a enormidade do erro que havia cometido: tinha pedido poder viver muitíssimo tempo, muitos e muitos anos, mas se esquecera de pedir para ficar sempre jovem e bonita! Quando se deu conta da sua estúpida falta de previsão —ela, que recebera o dom de prever o futuro—, sentiu-se enganada, traída, envergonhada, furiosa, e decidiu partir para onde não a conhecessem. Ganharia o pão de cada dia comerciando o seu dom profético. Teria mesmo bastante tempo para aprimorá-lo e ficar tão famosa quanto o próprio deus. Não seria isso uma solução contra a longa e pavorosa velhice que a esperava, mas talvez fosse um consolo.

Dias após dia, anos após ano, a outrora elegante donzela foi se curvando sob o peso do

tempo. As rugas cobriram seu corpo, seus músculos se debilitaram, seus ossos foram gastando-se como a pedra sob a gota de água. Cem anos, quinhentos anos se passaram e, a medida que envelhecia, a Sibila ia ficando cada vez mais cansada, mais enrugada, mais feia e mais diminuta. Chegou a ficar tão pequenina, tão pequenina que, para não ser pisada nem comida pelos animais que entravam sorrateiros na cova de Cumas onde ela vivia, decidiu morar dentro de uma garrafa. Mas os reis e imperadores, que queriam saber o que lhes esperava se iniciassem uma guerra, ou os comerciantes, que queriam saber qual região do mundo era mais propícia para levar os seus produtos, continuavam a visitá-la,

como continuavam a visitá-la os vagabundos e os curiosos, os desesperados, os esperançosos, e toda espécie de desamparado que o mundo abriga. E também o resto do povo, que não estava tão interessado em ouvir suas profecias como em vê-la com seus próprios olhos, ou, se a Sibila não se mostrava, ao menos em ouvir sua voz. As crianças, e não raras vezes inclusive os adultos, gostavam sobretudo de aproximar a boca da garrafa em cujo interior a Sibila se ocultava e perguntar-lhe: «Sibila, quer alguma coisa?» Então, vinda lá das profundezas obscuras da garrafa se ouvia uma voz débil e sofrida, que num lamento triste e desesperado, implorava o único bem que a Sibila podia nessa hora desejar: «Quero morreeeeeeer!» os

## os livros sibilinos

Uma curiosa versão do mito conta que, certa vez, quando Roma era ainda uma pequena cidade, a Sibila apareceu no palácio do rei **Tarquínio**, o Soberbo, e mostrou-lhe três grandes e pesados livros que, dizia ela, revelavam todo o glorioso futuro da cidade. E pedia por eles tão somente trezentas moedas de ouro. **Tarquínio** riu-se com soberba da oferta e só não expulsou a sacerdotisa a pontapés porque aquilo tinha lhe parecido engraçado. A Sibila foi até o Fórum (a praça central de Roma), queimou à vista de todos um dos volumosos livros e no dia seguinte voltou ao palácio com os dois restantes. Pediu por eles, nessa ocasião, as mesmas trezentas moedas de ouro. O rei olhou-a espantado, convencido de que se tratava de uma doída, e chamou a guarda. Mas a Sibila não desistiu. Queimou o segundo livro em praça pública e, no dia seguinte, regressou ao palácio. Mostrou ao rei o único livro sobrando e voltou a pedir por ele as trezentas moedas de ouro. E a verdade é que podia ter pedido até mais. Dessa vez, **Tarquínio** preferiu não rir: ficou em silêncio, como se repentinamente tivesse compreendido o que antes parecera absurdo. Perplexo, um pouco assustado,

movia lentamente a cabeça para cima e para baixo. Com medo de cometer o que poderia ser um erro irreparável, mandou que trouxessem as moedas, e comprou o livro.



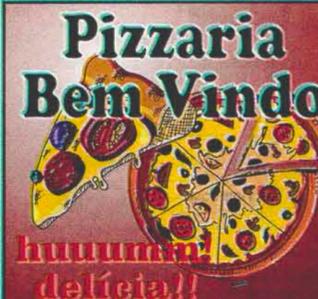
Michelangelo Buonarroti, Sibilla Delfica (1508-10) Vaticano, Capela Sixtina (detalhe)



Boutique Criativa  
A quem despe-se do costume  
e assume seu ser

98864 3457  
99695 2552 amodiq

av. Pequeno Príncipe, 1084  
Campeche



tele-entrega  
3237-4299

Rua do Gramal, 57  
Campeche

EMPÓRIO & PADARIA ORGÂNICA



CASARÃO

PÃO, BÓLDO, TORTAS, PIZZA, BISCOITOS, SALGADOS, SANDUÍCHES,  
ESPIRRES E EMPANADOS INTEGRAS E ORGÂNICOS DE PRODUÇÃO PRÓPRIA  
FARINHAS, AÇÚCAR, GRÃOS, ÓLEO, TOFU, AVEIA, MASSA, CACAU, CASTANHAS,  
SUÇOS, GELÉIAS E MUITO MAIS PRODUTOS ORGÂNICOS

Av. Pequeno Príncipe 1257 - Campeche - Florianópolis - SC  
Fone (48) 3237 3077 casarao@gmail.com  
www.casarao-organico.com.br

Ristorante e Pizzaria  
CAMPECHE

Rui Suliman Duarte

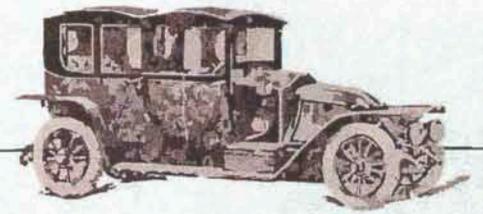
☎ 3233-1717

restaurantecampeche@hotmail.com

R.OD. SC 405 Nº1225 - Campeche - Florianópolis

tecnologia

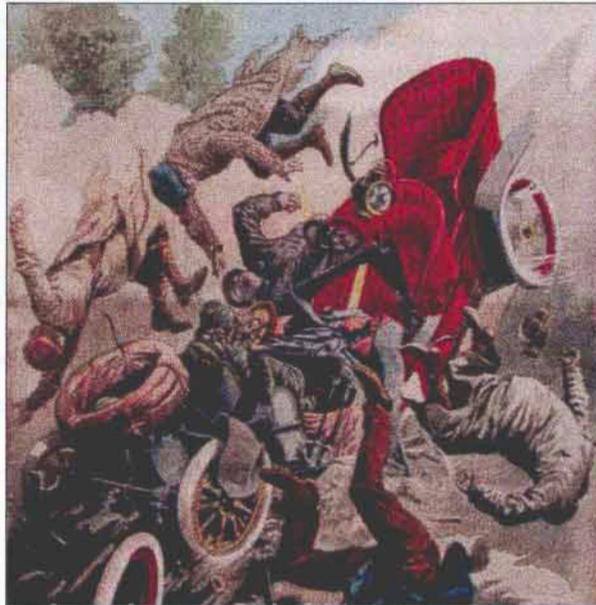
# o automóvel



A marca registrada do século XX no campo da tecnologia não é nem a televisão nem o computador, nem as armas nucleares nem as viagens espaciais, e sim um objeto mais simples, uma invenção do século XIX que se tornou o símbolo do consumo, do progresso e da realização pessoal em todo o mundo: o automóvel. Nesta edição de **Via Lateral** vamos fazer um breve passeio pela história dessas máquinas fabulosas.

## Acidentes de trânsito

O automóvel ainda era um artigo de extremo luxo, que só os muitos ricos podiam adquirir, mas os acidentes de trânsito já estavam na ordem do dia, como podemos observar na ilustração de **Eugène Chaperon** (ao lado), publicada no início do século XX no *Le Petit Journal*. Ruas abertas especialmente para a circulação de veículos motorizados eram raras nessa época. Praticamente só existiam nas grandes cidades e, mesmo nestas, os primeiros automóveis precisavam dividir a maior parte das vias com bondes, carruagens e pedestres.



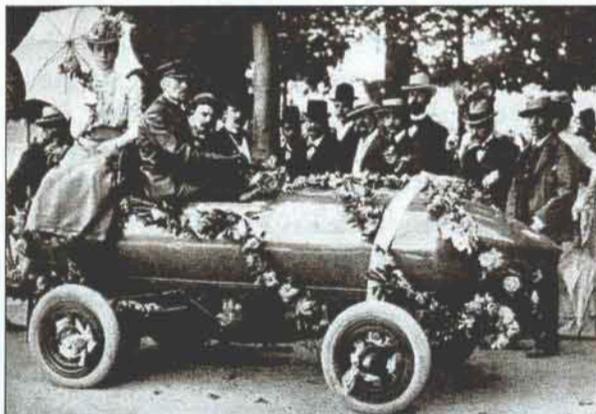
## Uma panela de pressão?

Ou talvez uma chaleira sobre quatro rodas... O primeiro veículo automotor foi construído pelo francês **Joseph Cugnot** em 1769 (ao lado). O vapor produzido pela enorme caldeira colocada na sua parte dianteira fazia esse incrível e pesado artefato andar. Quando tiver uma oportunidade, não se esqueça de que uma réplica do primeiro automóvel ainda pode ser admirada no *Museu de Artes e Ofícios de Paris*.



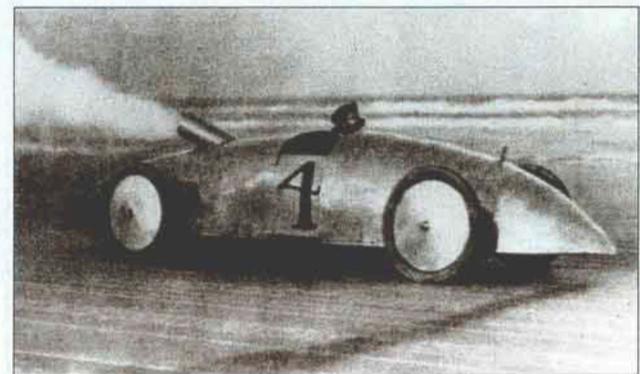
## O fim da barreira dos 100 km/h

Em 1889, o belga **Camille Jenatton** decidiu entrar para a história: com o seu poderoso *Jamais Contente*, um carro elétrico em forma de torpedo, estabeleceu um novo e extraordinário recorde mundial de velocidade e rompeu a barreira dos 100 km/h (exatamente 105,882 km/h, segundo fontes da época). O que constitui uma evidência de que, hoje, a tecnologia eletro-automobilística poderia estar muito mais desenvolvida se o motor à explosão (mais rápido, mas também mais poluente) não tivesse feito sua aparição.



## o vapor mais rápido

O último recorde de velocidade de um veículo movido a vapor foi registrado por **Fred H. Marriott**, em 1905, no circuito de *Daytona Beach* (Florida, EUA), pilotando um motor Stanley Steamer (abaixo). O carro atingiu a impressionante velocidade de 195,648 km/h.



## Elegância e prestígio

O clássico dos clássicos com motor à gasolina: o Citroën Traction Avant (isto é: com tração dianteira) produzido entre 1934 e 1956. Uma nova época na história dos automóveis estava pronta para começar.



bem no Centro de Florianópolis :

**J&B**  
Center Store

Tony Malone

(48) 3030-2695 (48) 99183-8205 [jbcenterstore@gmail.com](mailto:jbcenterstore@gmail.com)

Av. Hercílio Luz, 924 - Centro - Florianópolis / SC

**via lateral**

assinantes patrocinadores  
nos Inglese :

**Boutique Erótica**

Shopping Barra Norte - 2º piso - Inglese

☎ 99171 2490 ☎ 3733 8651

**Elegance's**  
MODA PRAIA

Fone: (48) 3369-6672  
(48) 9977-8748 - Fone/Fax

Est. Dom João Becker  
S. 409 - Inglese - Florianópolis

**Armazém VITAL**

Produtos para uma Vida Natural

Rod. Armando Calli Bulos, 5999

**Helena**  
Floricultura e Eventos

98431-9434 / 3369-0815

**BLOTZ**  
CORRETORES DE IMÓVEIS

3207-2451



Ícones da história do automóvel (em sentido horário): o legendário Mercedes 260D, de 1936, primeiro veículo movido a óleo diesel; o popular Volkswagen de 1949; o Petit Citron (limãozinho) de 1921, fabricado, evidentemente, pela Citroën; e um anúncio publicitário do Automóvel Clube da França.



O automóvel é uma máquina fabulosa, isso é verdade. Mas não podemos nos esquecer de que é apenas uma **máquina**. Portanto, quando estamos dentro de um automóvel devemos respeitar quem está fora. Antes de sermos motoristas, todos somos pedestres. E queremos continuar sendo. Ser pedestre é nossa condição humana; e, como humanos, devido a sua utilidade e ao prazer que nos proporciona, concedemos a máquinas como os automóveis o direito de circular pelo nosso espaço. Abrimos e calçamos ruas, criamos códigos de sinalização, reservamos lugares para estacionamento, etc. Mas o espaço é e será sempre **nosso**, dos humanos bípedes e pedestres que somos. Por isso, quando estiver dentro do seu carro, lembre-se de que é você quem está usando o espaço que pertence aos pedestres, e não ao contrário.

### bandidos românticos

Muito mais velozes do que os cavalos, os automóveis logo se tornaram o principal meio de locomoção dos malfeitores de toda espécie e gênero, sobretudo na terra que os viu nascer, os Estados Unidos. O famoso e temido gangster **Al Capone**, por exemplo, circulava pelas ruas de Chicago em seu *Cadillac 85 Town Sedan* propulsado por um motor V8 de 90 cavalos capaz de alcançar os 130 km/h. Apesar disso, Al Capone não pôde fugir da polícia, pois, como se sabe, foi preso em sua casa, acusado de sonegar impostos.

Mais romântica é a história de **Bonnie e Clyde**, célebre casal de ladrões de banco muito apaixonados (como comprova a foto ao lado) da década de 1930. Sem nunca atirar

contra civis e, segundo algumas testemunhas, sem jamais matar ninguém, o casal tornou-se conhecido e inclusive ganhou popularidade entre parte da população norte-americana. Depois de uma longa e dramática perseguição em que o cerco policial foi pouco a pouco se fechando sobre eles, Bonnie e Clyde acabaram sendo vítimas de uma traição, caíram numa emboscada e foram fuzilados pela polícia em seu automóvel. Sua história se tornou inspiração para vários filmes, dos quais o mais famoso é, sem dúvida, o dirigido por **Arthur Penn** e protagonizada por **Warren Beatty** e **Faye Dunaway** em 1967.



gente que apoia a cultura no Campeche :

**Tô Donito** PET SHOP Banho & Tosa  
98423-2203 99121-5620

**Bigolaro** massas artesanais  
(48) 3012 1700

Restaurante e Buffet **Talher Grill**  
buffet livre e a quilo  
deliciosa comida caseira!  
Rua do Gramal, 190 - Campeche - 3065-5048 [ao lado do Hiperbom]

**AULAS PARTICULARES**  
matemática, geometria física e química  
98901-9110 3238-5073

**Corretores de Imóveis Sul da Ilha**  
**Marcos Souza**  
**Adriana Rodrigues**  
VENDA - LOCAÇÕES - TEMPORADA -  
www.adriamarcosimoveis.com.br  
3209-3646

**Cia da Saúde** Produtos Naturais  
Feira Orgânica aos sábados  
GRÃOS E CEREAIS BISCOITOS  
DIET E LIGHT PÃES INTEGRAIS  
SUPLEMENTOS FRUTAS SECAS  
ERVAS MEDICINAIS MEL E DERIVADOS  
SEM GLÚTEN E SEM LACTOSE SEMENHAS E OLEAGINOSAS  
ORGÂNICOS FLORAIS DE BACH  
Av. Pequeno Príncipe, 2072, Campeche. (48) 3338.2893 www.rebeciadasaude.com.br

conto

# seu paulo

w. s. gomes jr.

Encontro o seu Paulo na Praça XV. Encosto a bicicleta numa árvore.

— Bom dia, seu Paulo, como é que vai? Já se aposentou?

Seu Paulo sorri, mas desconfio que não me reconheceu.

— Não tá lembrado de mim, seu Paulo?

Seu Paulo força um pouco o sorriso, mas não a memória.

— Da escola — explico.

Seu Paulo finalmente parece lembrar. Mas agora eu não sei mais o que dizer. O engraçado é que na escola era sempre ele quem puxava assunto. Quer dizer, nos primeiros dias fui eu, mas quando vi que se puxasse conversa ele juntava sem pausas um assunto com outro e aí eu ficava com pena de interrompê-lo e por causa disso acabava chegando em casa anoitecendo, desisti. Dali em diante fiquei no bom dia seu Paulo, boa noite seu Paulo e até logo seu Paulo.

— Então? — insisto, meio sem jeito. — Se aposentou, seu Paulo?

Seu Paulo me olha de lado, olha para os lados e me olha de novo. Depois aproxima um pouco o rosto, esconde a boca com as costas da mão esquerda e me fala como se estivesse revelando um segredo.

— Eu não me chamo Paulo.

Fiquei surpreso. Será que o seu Paulo tinha ficado doido? Estava velhinho, já, devia andar pelos 70, 75 anos, mas nessa idade ninguém está obrigado a ficar caduco. Ou está?

— Tá querendo dizer que o senhor não é o seu Paulo, lá da escola?

Eu devia era ter pedido desculpas e ido embora, ou trocado de assunto, mas insisti. Seu Paulo fez que não com a cabeça.

— Não é isso. É só que eu não me chamo Paulo.

— O senhor quer dizer então que o seu nome não é Paulo?

Dessa vez acertei em cheio.

— Isso — o seu Paulo sorri, satisfeito. Parecia ter recuperado a confiança em mim.

— Mas o senhor é o seu Paulo lá da escola, não é?

Seu Paulo move a cabeça pra direita e pra esquerda, decepcionado. Sempre fui um mau entendedor. Nem uma biblioteca me basta.

— É, eu sou, sou eu, sim, só que o meu nome não é Paulo — respondeu o seu Paulo, a paciência se esgotando.

— Um momento. Durante cinco anos o meu filho foi à mesma escola, e o senhor sempre esteve lá no portão, esperando, cuidando, vigiando, dando bom dia para os pais que vinham trazer os filhos, até logo para os que iam se embora, sempre a postos no portão, esteve ou não esteve?

— Estive sim. Só...

— Que o seu nome não é Paulo.

Seu Paulo sorri de novo, essa vez com

gosto. Eu estava entrando no jogo dele. Ou ele no meu, sei lá. Continuei:

— Só que nos cinco anos que levei o meu filho àquela escola, sempre lhe tratei por Paulo. Paulo só, não: SEU Paulo. Era bom dia, seu Paulo, até logo, seu Paulo, como é que vai, seu Paulo, tudo bem, seu Paulo. E agora o senhor chega e me diz que o seu nome não é Paulo?

Seu Paulo notou que eu estava nervoso.

— Sinto muito — lamentou, resignado. — Mas é que o senhor nunca me perguntou. E eu não queria lhe contradizer. Afinal de contas, o senhor era pai de aluno, o cliente da escola...

De novo fiquei sem saber o que dizer.

— E todo esse tempo eu chamei você de seu Paulo. — Achei melhor mudar o tratamento para VOCÊ. Se não era mais o SEU Paulo, também não era mais O SENHOR.

— Eu sinto muito — repetiu o seu Paulo —. Não é culpa minha. Eu até que gostaria de me chamar Paulo, mas não me chamo. Se o senhor tivesse perguntado...

— Mas e os outros? Todo mundo chamava você de Paulo. Eu vi. Ou melhor: eu ouvi.

— Na verdade, deve ter sido só uma ou duas vezes. Alguém que me confundiu com o porteiro que havia antes.

— Ah! Ele se chamava Paulo?

— Não. Reginaldo.

Não entendi. Mas também não dei bola. A história já estava enrolada demais para que ainda se introduzisse outra complicação.

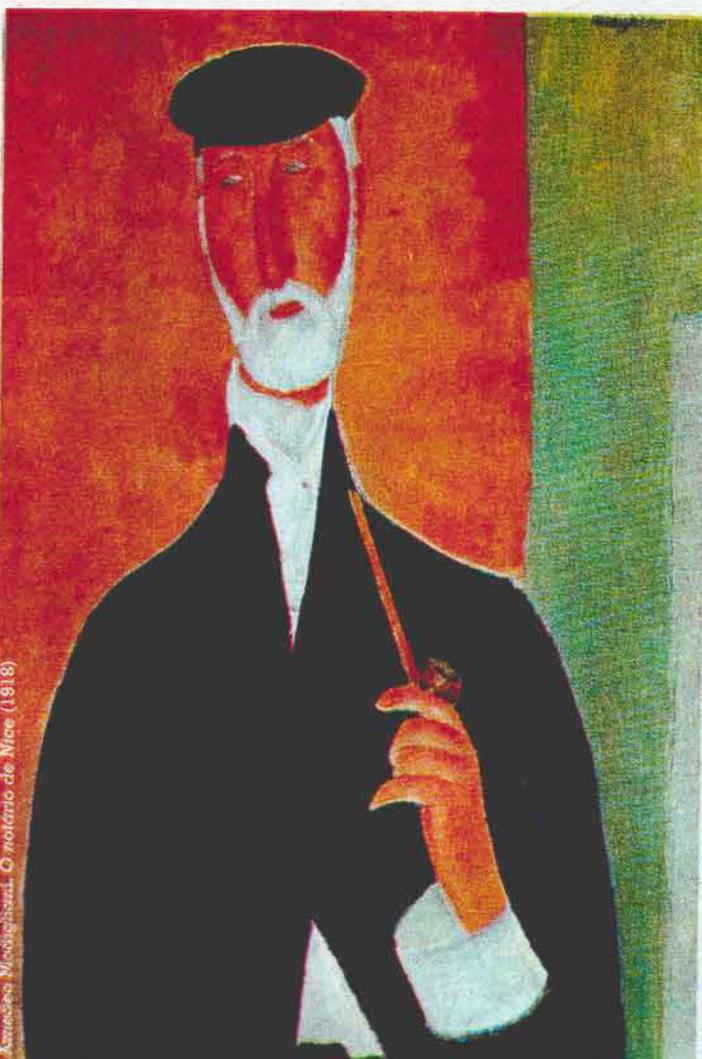
— Às vezes — continuou o seu Paulo —, outras pessoas, pais de alunos novos, me chamavam de Paulo, porque ouviam o senhor. Mas eles sempre acabavam me perguntando se o meu nome era mesmo Paulo e corrigiam o engano. Mas ninguém me cumprimentava todos os dias. Já o senhor...

— Eu nunca perguntei.

— Não.

É verdade. Pois é. Eu sempre fui mesmo um pouco arrogante. Vejam só como é que a gente aprende as coisas sobre si mesmo. Fiquei envergonhado. E o seu Paulo percebeu.

Artesista: Michelangelo. O notário de Nice (1518)



— Arlindo — disse.

— Quê?

— Meu nome. É Arlindo.

— Ah!

Agora não me interessava muito o nome dele. De repente fiquei deprimido.

— Não se preocupe — disse o seu Paulo (isto é, o Arlindo) — Não tem problema. Não me ofendi. Só queria esclarecer.

Mas agora eu é que estava no fundo do poço. Imaginava o ridículo que devia ter parecido aos olhos dos outros pais e mães, que me ouviam todos os dias chamá-lo de Paulo. Cinco anos! E ninguém me avisou! Por que esse egoísmo desenfreado, essa indiferença para com o próximo?

Nesse momento, um menino vem correndo em nossa direção e abraça o seu Paulo. Quero dizer, o Arlindo (preciso me acostumar).

— Seu filho? — pergunto, só por perguntar, para evitar mal-entendidos...

— Meu neto — responde o Arlindo. — O nome dele é Paulo.

Seu Paulo me olha com cara de menino travesso.

— Tá me gozando, seu Paulo? Quero dizer, Arlindo. Tá me zoando?

Seu Paulo faz uma cruz com os dedos e a beija duas vezes.

— Por Deus Nosso Senhor. É Paulo, mesmo. Uma homenagem.

Fiquei mudo. Seria verdade? Ou será que o seu Paulo estava só querendo rir da minha cara uma última vez? Me viro para o menino e resolvo tirar a dúvida na hora.

— Seu nome é Paulo, mesmo?

O menino olha para o seu Paulo (que acho que faz um sinal afirmativo com a cabeça, mas não tenho certeza) e responde:

— Sim.

— Uma homenagem — repete o seu Paulo.

Homenagem? À mim? Mas por quê? Quem sou eu, para que o porteiro da escola do meu filho tenha querido me homenagear? À mim, um homem que todos os dias o tratava pelo nome errado?

Mas essas perguntas eu só pensei, não formulei em voz alta. Antes que eu pudesse pensar mais, ou deixar de pensar e reagir, o menino começou a puxar o seu Paulo pela roupa e ele se despediu de mim acenando com as duas mãos e sorrindo. E aquele sorriso ligeiro, sutil, mas persistente, foi pouco a pouco se desfazendo entre as árvores da Praça XV. Fiquei ainda um tempo ali, parado, cabisbaixo, pensando não sei bem em quê. Em alguma relação transcendental, difícil de entender, entre a forma e a norma, entre o Nome e o Ser, entre o Ser e o Não-ser, mas não sei exatamente o quê. Depois peguei a bicicleta e fui embora.